



# Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 3

Isabelle Cerqueira Sousa  
(Organizadora)





# Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 3

Isabelle Cerqueira Sousa  
(Organizadora)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Isabelle Cerqueira Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências da saúde no Brasil [recurso eletrônico] : impasses e desafios 3 / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-425-2

DOI 10.22533/at.ed.252202509

1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. I. Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 362.10981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios” é uma coletânea composta de nove obras, e aborda no seu terceiro volume uma contextualização da prevenção, promoção da saúde, tratamentos e afecções que as mulheres enfrentam na atualidade. A situação de vulnerabilidade, que muitas vezes as mulheres precisam enfrentar é notória, e na área da saúde se torna bem sofrida, apesar da legislação brasileira prevê o direito à saúde e acesso à cidadania, mesmo assim esta questão aparece categorizada em vários eixos, nos quais a saúde da mulher tem sofrido dificuldades e sido negligenciada.

Esse volume traz reflexões sobre diversos aspectos da vulnerabilidade feminina, dentre eles, aborda os direitos sexuais e reprodutivos, analisando os cuidados de enfermagem às pacientes vítimas de violência sexual, abordando que a assistência à saúde prestada pela às vítimas de violência sexual, deve adotar medidas de cuidado humanizado e acolhedor, visando o respeito e a satisfação das necessidades da mulher em toda a sua integralidade, sem nenhum tipo de discriminação.

Serão apresentados também vários estudos abordando a prevalência da sífilis gestacional e sífilis congênita, mostrando a grande importância da identificação da sífilis precocemente para contribuir com medidas de prevenção, implementação de políticas públicas, planejamento de intervenções e tratamentos. A sífilis congênita ocorre quando a mulher grávida tem sífilis e passa para o bebê através de via transplacentária, sendo, portanto, importantíssimo avaliar o tratamento farmacológico da sífilis, que se constitui como um desafio para os serviços de saúde pública, principalmente em países em desenvolvimento.

Ao falarmos de mulher, logo nos vem à mente a função de mãe, os contextos de gestação, incluindo diversas intercorrências como por exemplo: o “Diabetes Mellitus Gestacional” (DMG), um problema metabólico que pode acometer 25% das gestantes e exige orientações seguras, podem acontecer também os transtornos hipertensivos na gravidez e portanto são fundamentais os atendimentos individualizados e humanizados, possibilitando um cuidado amplo e resolutivo, prevenindo ao máximo os agravos no período gestacional, no parto e pós-parto.

Nesse percurso de análise da singularidade feminina, aparece também o processo de adoecimento por neoplasia maligna (câncer), que é a segunda causa de mortalidade entre a população feminina, nesse sentido são apresentados estudos que trazem valiosas contribuições para a compreensão da realidade desta mulher, suas condições de vida frente as diferenças de gênero, precarização das relações de trabalho, ausência de proteção social, que são algumas barreiras que prejudicam uma evolução adequada dos tratamentos, e algumas vezes levando até a mortalidade.

Acrescenta-se a todas essas dificuldades, os desafios no cuidado de saúde da mulher surda, se faz necessário criar estratégias que garantam a prevenção e a promoção

da saúde, bem como o fortalecimento da autonomia e do autocuidado, além de estabelecer mecanismos de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por parte da equipe interdisciplinar que atua em cada nível de atenção, a fim de possibilitar uma comunicação direta sem a necessidade do intérprete ou familiar, o que asseguraria vínculo, confiança e sigilo.

Diante da proeminente necessidade de divulgação dos avanços da ciência e da saúde, seus impasses e desafios, a Editora Atena presenteia os leitores com esse volume dedicado a saúde da mulher, que compõe um dos assuntos da coletânea de nove volumes com temas atualizados em saúde.

Isabelle Cerqueira Sousa

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Deirevânio Silva de Sousa  
Daniela Nunes Nobre  
Crystianne Samara Barbosa Araújo  
Dominic Nazaré Alves Araújo  
Gerliana Torres da Silva  
Alyce Brito Barros  
Aziri Lígia Barbosa dos Santos  
Ludmila Cavalcante Liberato  
Vitória Lara Alves Souza  
Tamires Santos Pereira  
Alanny de Almeida  
Amanda de Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.2522025091**

### **CAPÍTULO 2..... 10**

#### **A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO COMBATE À VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**

Fabiana Albino Fraga  
Aiarlen dos Santos Meneses  
Natália Coelho Cavalleiro dos Santos  
Liana Coelho Cavalleiro dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.2522025092**

### **CAPÍTULO 3..... 19**

#### **ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL SOBRE INFECÇÃO EM MULHERES QUE SOFRERAM ABORTO**

Mayara Martins de Carvalho  
Duvan Andrey Parra Duarte  
Matheus Matos da Silva  
Maria Eliete Moura Batista  
Odinéa Maria Amorim Batista  
Glicia Cardoso Nascimento

**DOI 10.22533/at.ed.2522025093**

### **CAPÍTULO 4..... 32**

#### **OS DESAFIOS NO TRATAMENTO DA SÍFILIS**

Teresa Iasminny Alves Barros  
Andreza Barros Figueirêdo  
Bárbara Ferreira Santos  
Gabriel de Oliveira Lôbo  
Larissa Barros Severo  
Maraísa Pereira de Souza Vieira  
Mara Cristina Santos de Araújo  
Maria Laura Junqueira Dantas  
Mirelle Pereira Gonçalves Ferreira



Paloma Silvestre Moreira  
Pedro Victor Landim Ribeiro  
Sílvia Natália Xavier Diniz

**DOI 10.22533/at.ed.2522025094**

**CAPÍTULO 5..... 38**

**SÍFILIS CONGÊNITA NO DISTRITO FEDERAL, 2009 A 2018: UM REFLEXO DE VULNERABILIDADES SOCIAIS**

Thaliane Barbosa de Oliveira  
Tháís Barbosa de Oliveira  
Caroliny Victoria dos Santos Silva  
Priscila Silva de Araújo  
Wellington de Lima Borges  
Ana Júlia Magalhães de Queiroz Melo  
Bárbara Gripp Oliveira  
Gleice Kelly Campelo Barbosa  
Lorrany Santos Rodrigues  
Renato Henrique Pereira da Silva  
Luiza Esteves de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.2522025095**

**CAPÍTULO 6..... 50**

**A INCIDÊNCIA DE SIFILIS GESTACIONAL NO ESTADO DO PIAUÍ NO PERÍODO DE 2014 A 2018**

Rhuan Alves de Araujo  
Alvaro Martins Pinho  
Luis Felipe Nunes Martins  
Joyce Pinho Bezerra

**DOI 10.22533/at.ed.2522025096**

**CAPÍTULO 7..... 58**

**MÍDIA SOCIAL BRASILEIRA NA DISSEMINAÇÃO DA (DES) INFORMAÇÃO SOBRE DIABETES *MELLITUS* GESTACIONAL**

Luana Aparecida Soares  
Juliana Pereira Silva  
Cíntia Lacerda Ramos  
Edson da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.2522025097**

**CAPÍTULO 8..... 72**

**ANÁLISE DOS ÍNDICES DE TRANSTORNOS HIPERTENSIVOS NA GRAVIDEZ**

Danielle Cristina Honorio França  
Flávia de Melo Carvalho  
Anna Clara Faria Duarte

**DOI 10.22533/at.ed.2522025098**

**CAPÍTULO 9..... 82**

**PERCEPÇÕES DE MÃES COM RECÉM-NASCIDOS INTERNADOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Luziana de Paiva Carneiro  
Karine Sales Braga Alves  
Alana Mara Lima Feijão  
Letícia Kessia Souza Albuquerque  
Cleane Maria dos Santos Teles  
Francisca Camila Teixeira Mesquita  
Francisco Marcelo Alves Braga Filho

**DOI 10.22533/at.ed.2522025099**

**CAPÍTULO 10..... 93**

**INFLUÊNCIA DO ENFERMEIRO NO CONHECIMENTO DAS GESTANTES DE ALTO RISCO SOBRE SEU ESTADO DE SAÚDE NO PROCESSO DE HOSPITALIZAÇÃO**

Daniela Nunes Nobre  
Deirevânio Silva de Sousa  
Crystianne Samara Barbosa Araújo  
Eloá Ribeiro Santana  
Sheron Maria Silva Santos  
Gerliana Torres da Silva  
Roberlania Santos da Silva Rocha Brito  
Alyce Brito Barros  
Emanuel Messias Silva Feitosa  
Hugo Leonardo Guimarães Costa Silva  
Maria Quintino da Silva Neta  
Quézia Maria Quintino Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.25220250910**

**CAPÍTULO 11..... 102**

**MULHERES E GÊNERO: REFLEXÕES NO ATENDIMENTO EM ONCOLOGIA**

Debora Louzada Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.25220250911**

**CAPÍTULO 12..... 112**

**PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA A MULHER MASTECTOMIZADA**

Fernanda Veras Vieira Feitosa  
Marcelle Sabino Façanha Carneiro  
Cleoneide Paulo Oliveira Pinheiro  
Izabelly Vieira Rabelo  
Pedro Oliveira Pinheiro  
Ana Paula Lebre Santos Branco Melo  
Maria Celeste Rocha Simões

**DOI 10.22533/at.ed.25220250912**

**CAPÍTULO 13..... 118**

**USO TERAPEUTICO DA UNCARIA TOMENTOSA NO TRATAMENTO DE DOENÇAS DA PROLIFERAÇÃO CELULAR MAMÁRIA E UTERINA**

Maria Clara Calvancante Mazza de Araujo  
Priscylla Frazão Rodrigues  
Carlos Eduardo Rocha Araújo  
Bárbara Candida Nogueira Piauilino  
Beatriz Maria Loiola de Siqueira  
Pedro Henrique Freitas Silva  
Isabella Maria Gonçalves Pinheiro de Vasconcelos  
Adhonia Carvalho Moura  
Larissa Mota Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.25220250913**

**CAPÍTULO 14..... 125**

**PREVALÊNCIA E GENOTIPAGEM DE HPV EM POPULAÇÃO ATENDIDA NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE**

Lais Gonçalves Ortolani  
Alessandra Aparecida. Vieira Machado  
Luana Maria Tassoni Ferro  
Carolina Harumi Cavarson  
Renata Gois de Mello  
Fábio Juliano Negrão

**DOI 10.22533/at.ed.25220250914**

**CAPÍTULO 15..... 136**

**DESAFIOS NO CUIDADO EM SAÚDE DA MULHER SURDA**

Yndri Frota Farias Marques  
Rebeca Coêlho Linhares  
Luana Cristina Farias Castro  
Lucas Carvalho Soares  
Pauliane Miranda dos Santos  
Raul Sá Rocha  
Esther Barata Machado Barros  
Maria Clara Sousa Lima  
Robério Araújo de Carvalho  
Carolina Lustosa de Medeiros  
Clesivane do Socorro Silva do Nascimento  
Mauro Mendes Pinheiro Machado

**DOI 10.22533/at.ed.25220250915**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 139**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 140**

## MÍDIA SOCIAL BRASILEIRA NA DISSEMINAÇÃO DA (DES) INFORMAÇÃO SOBRE DIABETES *MELLITUS* GESTACIONAL

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 23/07/2020

### Luana Aparecida Soares

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG.  
CV: <http://lattes.cnpq.br/9527459252872821>

### Juliana Pereira Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG.  
CV: <http://lattes.cnpq.br/6407216994194293>

### Cíntia Lacerda Ramos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG.  
CV: <http://lattes.cnpq.br/1668255505773668>

### Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina – MG.  
CV: <http://lattes.cnpq.br/9457578388001171>

**RESUMO:** O Diabetes *Mellitus* Gestacional (DMG) é um problema metabólico que pode acometer 25% das gestantes e exige orientações seguras. Assim, o objetivo deste estudo foi avaliar o uso de vídeos brasileiros do YouTube como fonte de informação sobre o DMG. Trata-se de uma pesquisa do tipo transversal, observacional e de abordagem quantitativa. Os dados foram coletados no YouTube em 16 de fevereiro de 2020 usando o termo “diabetes *mellitus* gestacional”. Os duzentos primeiros vídeos mais assistidos foram considerados e avaliados

por duas pesquisadoras. Foram excluídos os vídeos não gravados em português do Brasil, não relacionados ao DMG, duplicados, e aqueles com mais de 30 minutos. Cada vídeo foi assistido e avaliado quanto à audiência, duração, idioma, área de domínio, origem, intenção e qualidade do conteúdo. Com um instrumento composto por critérios de qualidade, o conteúdo dos vídeos foi classificado quanto à utilidade para informar o público sobre o DMG. A estatística descritiva foi utilizada e o valor de  $p \leq 0,05$  foi considerado significativo. A busca resultou 424 vídeos, dos quais 200 foram pré-selecionados. Destes, 28 foram assistidos e analisados, sendo 64,3% classificados como pouco útil e 35,7% como útil. Não houve diferenças estatísticas significativas entre nenhuma das variáveis analisadas no estudo. No entanto, a maior parte dos vídeos da classificação útil teve como origem os profissionais de saúde. Por outro lado, os leigos representaram a origem com maior número total de vídeos do estudo, e com maior número de vídeos da categoria pouco útil. Em conclusão, evidenciou-se grande alcance do YouTube no compartilhamento de vídeos brasileiros sobre DMG. Além disso, a principal origem dos vídeos úteis foi a categoria composta por profissionais de saúde. No entanto, a maioria dos vídeos tem conteúdo pouco útil e origem de leigos. Portanto, os vídeos analisados neste estudo não podem ser considerados como boa fonte de informação sobre o DMG. Destaca-se que os profissionais de saúde no Brasil têm o YouTube como uma excelente ferramenta pública a ser explorada para oferecer informação útil sobre o DMG e combater a desinformação nesta mídia social.



**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia em saúde. Redes sociais. Vídeos. Diabetes gestacional. YouTube.

## BRAZILIAN SOCIAL MEDIA IN THE DISSEMINATION OF (MIS) INFORMATION ON GESTATIONAL DIABETES MELLITUS

**ABSTRACT:** Gestational Diabetes Mellitus (DMG) is a metabolic problem that can affect 25% of pregnant women and requires safe guidance. Thus, the objective of this study was to evaluate the use of Brazilian YouTube videos as a source of information on DMG. This is a cross-sectional, observational and quantitative approach. The data was collected on YouTube on February 16, 2020, using the term “gestational diabetes mellitus”. The first two hundred most watched videos were considered and evaluated by two researchers. Duplicate videos not recorded in Brazilian Portuguese, unrelated to DMG, and those older than 30 minutes were excluded. Each video was watched and evaluated regarding the audience, duration, language, domain area, origin, intention, and quality of the content. With an instrument composed of quality criteria, the content of the videos was classified as to the usefulness to inform the public about the DMG. Descriptive statistic was used and the value of  $p \leq 0.05$  was considered significant. The search resulted in 424 videos, of which 200 were pre-selected. Of these, 28 were assisted and analyzed, with 64.3% being classified as not very useful and 35.7% as being useful. There were no statistically significant differences between any of the variables analyzed in the study. However, most of the videos of the useful classification originated from health professionals. On the other hand, laypeople represented the source with the highest total number of videos in the study, and with the highest number of videos in the category of little use. In conclusion, there was a wide reach of YouTube in sharing Brazilian videos about DMG. In addition, the main source of useful videos was the category composed of health professionals. However, most of the videos have little useful content and come from laypeople. Therefore, the videos analyzed in this study cannot be considered as a good source of information about DMG. It is noteworthy that health professionals in Brazil have YouTube as an excellent public tool to be explored to offer useful information about DMG and to combat misinformation in this social media.

**KEYWORDS:** Health technology. Social networks. Videos. Gestational diabetes. YouTube.

## 1 | INTRODUÇÃO

O diabetes *mellitus* gestacional (DMG) é o diabetes diagnosticado pela primeira vez durante a gestação atual, sem ter previamente preenchido os critérios diagnósticos de diabetes *mellitus* (DM), podendo ocorrer em qualquer período da gravidez, provavelmente após as 24 semanas (INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION, 2019; SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2019). O DMG é uma complicação grave, na qual mulheres desenvolvem hiperglicemia crônica durante a gestação. Na maioria dos casos, essa hiperglicemia é o resultado da diminuição da tolerância à glicose devido à disfunção das células beta pancreáticas em um contexto de resistência crônica à insulina (PLOWS et al., 2018).

De acordo com a *International Diabetes Federation* (2019), a hiperglicemia na gestação afeta aproximadamente uma a cada seis gestações. Estima-se que em 2019, 20.4 milhões de 129.5 milhões de nascidos vivos de mulheres entre 20-49 anos foram afetados por hiperglicemia na gestação (prevalência bruta: 15,8%), sendo que 83,6% dos casos foram decorrentes do DMG (INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION, 2019).

No Brasil, um estudo transversal e retrospectivo identificou a prevalência de 5,4% de DMG (intervalo de confiança de 95% [IC95%]: 4,56-6,45) em uma amostra de 2.313 gestantes atendidas em 2016 pelo Sistema Único de Saúde na cidade de Caxias do Sul, RS (SANTOS et al., 2020). Outros estudos mostram que o número de gestantes com DMG tem aumentado nas últimas décadas em proporção paralela ao crescimento de casos de DM Tipo 2 - DM2 (FERRARA, 2007; INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION, 2019).

O DMG aumenta o risco de complicações durante a gravidez e pode trazer implicações a curto e longo prazo, tanto para a mãe quanto para o feto e o neonato (PLOWS et al., 2018; SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2019). Mulheres com DMG têm risco aumentado de hipertensão arterial na gestação, pré-eclâmpsia e parto por cesariana. Além da incidência de aborto espontâneo, trabalho de parto prematuro, polidrâmnio, infecção do trato urinário e infecção pós-operatória/pós-parto, tromboembolismo, hemorragia e morbidade materna geral (ZITO et al., 2019). A longo prazo, essas mulheres apresentam maior risco de desenvolver DM2 (CLAUSEN et al., 2008; MCINTYRE et al., 2019). Os filhos, por sua vez, apresentam risco aumentado de macrosomia, angústia respiratória neonatal, anomalias fetais, hipoglicemia neonatal, hiperbilirrubinemia, policitemia, distocia de ombro, trauma ao nascimento e restrição de crescimento intrauterino (ZITO et al., 2019). No futuro, eles podem desenvolver obesidade na infância e na vida adulta, DM e complicações cardiovasculares (CLAUSEN et al., 2008; DALY et al., 2018; MCINTYRE et al., 2019).

A importância do diagnóstico precoce e da instituição de terapia apropriada são incontestáveis para reduzir a ocorrência de referidos eventos adversos à saúde (NETA et al., 2014); SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2019). Neste âmbito, estudos sugerem que o risco de DMG pode ser reduzido por dieta (SHEPHERD et al., 2017), exercício físico (NASIRI-AMIRI et al., 2019) e aconselhamento sobre o estilo de vida, principalmente quando as intervenções têm início durante o primeiro ou segundo trimestre da gestação (KOIVUSALO et al., 2016). Além disso, pode ser necessário o tratamento farmacológico se os níveis glicêmicos permanecerem elevados (AMERICAN DIABETES ASSOCIATION, 2020).

Nessa perspectiva, a assistência pré-natal deve priorizar a educação em saúde com ênfase na educação em diabetes (GANDRA et al., 2011). Segundo a *International Diabetes Federation* (2019), a educação em diabetes é parte do tratamento da doença e deve ser inserida em todas as intervenções de assistência à pessoa com DM desde a prevenção, o tratamento da doença e o controle de suas complicações (INTERNATIONAL DIABETES

FEDERATION, 2019).

Nos últimos anos, as mídias sociais como Facebook, Instagram, Snapchat, Twitter, YouTube, entre outras, têm sido amplamente utilizadas na educação em saúde (DIAZ et al., 2002; DE BOER et al., 2007; HUGHES et al., 2009; VANCE et al., 2009; POWELL et al., 2011; ALGHAMDI; MOUSSA, 2012; GRIFFITHS et al., 2012; DA SILVA et al., 2015; DA SILVA et al., 2016; DA SILVA et al., 2018; DA SILVA et al., 2020). O YouTube é e continua se desenvolvendo como um espaço educacional de recursos para informações relacionadas à saúde (BOPP et al., 2019). Esta mídia social é considerada a maior plataforma de hospedagem de vídeos da Internet e conta com mais de 2 bilhões de usuários gerando bilhões de visualizações diárias (GOOGLE, 2020). A plataforma vem se tornando fonte de informação de credibilidade, apresentada de forma leve e por meio de produções cada vez mais profissionais (KUROVSKI, 2015; DA SILVA et al., 2020; GIMENEZ-PEREZ et al., 2020).

Embora o YouTube seja uma ferramenta educacional poderosa, ele apresenta o risco de fornecer informações imprecisas, superficiais, obsoletas, incorretas, tendenciosas ou enganosas aos usuários, o que dificulta a distinção entre informação confiável e informação ilusória (SINGH et al., 2012; SYED-ABDUL et al., 2013). Existem evidências de que muitos vídeos são criados para comercializar produtos ou serviços que prometem cura ou tratamentos alternativos para as doenças, especialmente o DM (ABEDIN et al., 2015; BASCH et al., 2016; NOMINATO et al., 2018; TOLEDO et al., 2018; DA SILVA et al., 2020).

Diante do exposto, surgiram os seguintes questionamentos: Será que os vídeos brasileiros do YouTube disseminam informações úteis sobre DMG? Qual é a origem destes vídeos? Na busca por esclarecimentos, o objetivo deste estudo foi analisar a origem e a qualidade da informação compartilhada nos vídeos brasileiros sobre DMG mais vistos no YouTube. Além disso, buscou-se identificar a utilidade desses vídeos como ferramenta complementar de educação em diabetes no Brasil.

## 2 | MÉTODO

Este estudo segue as recomendações do STROBE (*Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology*) de Malta e colaboradores (2010). Foi realizado um estudo do tipo transversal, observacional e de abordagem quantitativa dos vídeos sobre DMG mais acessados no YouTube Brasil. No dia 16 de fevereiro de 2020, foi realizada uma pesquisa no sítio de compartilhamento de vídeos YouTube (<http://www.youtube.com>), usando o descritor 'Diabetes *Mellitus* Gestacional' na barra de busca. Os avaliadores foram instruídos a saírem de suas contas do Google para que o histórico de pesquisa e uma possível sincronização de dados não influenciasse na busca. Também foi utilizado o bloqueador de anúncios *Easy AdBlocker*. Na sequência, os pesquisadores utilizaram o filtro disponível na plataforma, selecionando as categorias "Vídeo" e "Contagem de visualizações", a fim de

garantir que os primeiros vídeos fossem os mais acessados, minimizando a interferência do algoritmo da plataforma do YouTube.

Foram considerados os primeiros 200 vídeos disponíveis na plataforma da mídia social admitindo que os usuários raramente estão habituados a ir além das primeiras páginas de qualquer pesquisa (GARG et al., 2015) sendo então os vídeos mais assistidos. Um documento com o localizador de recursos universal ou URL (do Inglês *Universal Resource Locator*) de cada vídeo foi elaborado e registrado numa única data para avaliações posteriores (ABEDIN et al., 2015).

Duas pesquisadoras (L.A.S. e J.P.S.) com conhecimento semelhante sobre o DMG avaliaram, de forma independente, os duzentos vídeos. As pesquisadoras realizaram três sessões de treinamento prévio, que por sua vez, envolveu assistir e analisar os vídeos e depois discuti-los para refinar a abordagem e o consenso com os resultados.

Foram definidos como critérios de inclusão para o estudo todos os vídeos gravados no idioma português do Brasil disponíveis na plataforma YouTube. Os critérios de exclusão compreenderam: a) vídeos não gravados em português do Brasil; b) vídeos não relacionados ao DMG; c) vídeos duplicados, parcial ou totalmente, d) vídeos com mais de 30 minutos de duração, assumindo que os usuários geralmente não toleram assistir vídeos longos (ABEDIN et al., 2015). A avaliação adotou categorias mutuamente exclusivas. Qualquer desacordo em relação às análises dos vídeos foi resolvido por um terceiro avaliador (ES). Nenhum dos pesquisadores apresenta conflitos de interesses que possam introduzir vies neste estudo.

Foram incluídas as características descritivas de todos os vídeos, entre elas o título do vídeo, data de publicação, duração (em minutos) e os dados de popularidade dos vídeos, mensurados pelo número de visualizações, pelo número de classificações “likes” (gostei) e “dislikes”, além do número de comentários. Vale ressaltar que os comentários de cada vídeo foram selecionados e copiados em documento Word. Além disso, coletou-se a origem de carregamento (*upload*) dos vídeos, ou seja, quem carregou o vídeo na mídia social (adaptado de BASCH et al., 2016). Em seguida, cada vídeo foi visualizado e avaliado quanto ao idioma, origem, área de domínio, intenção e avaliação do conteúdo dos vídeos por meio de uma lista de verificação (*checkpoint*) contendo 17 critérios, para avaliar a utilidade dos vídeos (Tabela 1). Em seguida, os vídeos foram categorizados em dois grupos: pouco útil (1-8 pontos) e útil (9-17 pontos). Todas as categorias das variáveis analisadas são descritas na Tabela 1 (adaptado de ABEDIN et al., 2015; BASCH et al., 2016; HASSONA et al., 2016).

Os dados obtidos no estudo foram analisados estatisticamente utilizando o *software Statistical Package for the Social Sciences* versão 24.0 (SPSS Inc., Chicago, IL, EUA). Os dados descritivos foram declarados em número, porcentagem e média. A conformidade dos dados com a distribuição normal foi verificada pelo teste Qui-quadrado. A concordância entre as duas avaliadoras foi analisada pelo coeficiente Kappa de Cohen. Comparações

entre grupos útil e pouco útil foram realizadas pelo teste de Kruskal-Wallis. Um valor de  $p \leq 0,05$  foi aceito como estatisticamente significativo.

Para acesso e avaliação dos vídeos armazenados no YouTube não foi necessária a aprovação em Comitê de Ética e Pesquisa, uma vez que este estudo não envolveu diretamente a participação de seres humanos e que o material de estudo estava disponível em domínio público na referida mídia social.

**Tabela 1. Lista de verificação de critérios de origem, domínio, intenção e qualidade dos vídeos sobre diabetes *mellitus* gestacional compartilhados na mídia social YouTube no Brasil**

<b>Crítérios de origem de carregamento dos vídeos (quem carregou o vídeo na mídia social)</b>
1. Profissional de saúde
2. Acadêmico universitário
3. Universidade / Hospital
4. Canal de TV / agência de notícias
5. Site de assistência médica
6. Usuários leigos
<b>Crítérios de origem da apresentação dos vídeos (quem apresenta o vídeo na mídia social)</b>
1. Profissional de saúde
2. Acadêmico universitário
3. Paciente
4. Outros/leigos
<b>Área de domínio do assunto dos vídeos</b>
1. Etiologia / fatores de risco
2. Detecção precoce / prevenção
3. Gestão / manejo da doença
4. Prognóstico / resultados
<b>Intenção dos vídeos</b>
1. Informativo
2. Depoimento
3. Entretenimento
4. Anúncio
5. Indefinido
<b>Crítérios de avaliação da qualidade do conteúdo dos vídeos</b>
1. Apresentou ou mencionou DMG
2. Apresentou ou mencionou DM pré-gestacional
3. Mencionou teste oral de tolerância à glicose
4. Citou a importância da terapia nutricional no manejo do DMG
5. Citou a importância da prática regular de exercício físico no manejo do DMG
6. Mencionou o controle glicêmico no manejo do DMG
7. Mencionou tratamento medicamentoso no manejo do DMG
8. Mencionou amamentação precoce e DM
9. Mencionou as complicações do mau controle do DM sobre o risco materno
10. Mencionou as complicações do mau controle do DM sobre o risco fetal
11. Mencionou as complicações do mau controle do DM sobre o risco neonatal
12. Mencionou riscos de hipoglicemia
13. Mencionou tratamento das comorbidades após o parto
14. Mencionou sintomas do DMG
15. Mencionou tratamentos do DMG
16. Mencionou prevenção do DMG
17. Mencionou risco de desenvolvimento do DM2
<b>Categorias de utilidade dos vídeos : Pouco útil (1-3); Útil (9-17)</b>
<b>DM: Diabetes <i>mellitus</i>; DMG: Diabetes <i>mellitus</i> gestacional; DM2: Diabetes Tipo 2. Os critérios de avaliação dos vídeos foram adaptados de ABEDIN et al. (2015); BASCH et al. (2016); HASSONA et al. (2016).</b>

### 3 | RESULTADOS

A pesquisa resultou no total de 424 vídeos referentes ao termo ‘Diabetes *Mellitus* Gestacional’ na plataforma da mídia social YouTube do Brasil (Figura 1). Os primeiros 200 vídeos mais vistos foram pré-selecionados e destes, 172 foram excluídos de acordo com os critérios de elegibilidade, sendo 85% dos vídeos não gravados em português do Brasil, 4% não relacionados ao DMG, 6% duplicados e 5% por terem mais de 30 minutos de duração. Assim, a amostra final foi constituída por 28 vídeos (14%) carregados no YouTube entre os anos de 2011 e 2019, os quais foram integralmente assistidos e analisados. O coeficiente Kappa de Cohen foi de 0,85, indicando concordância quase perfeita entre as avaliadoras.

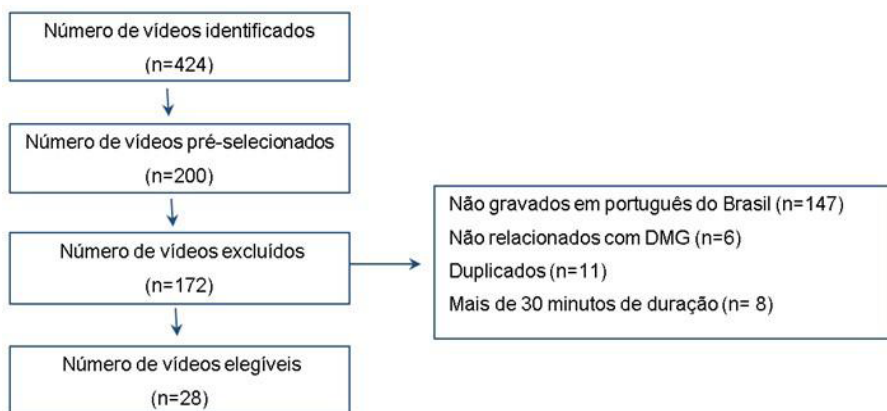


Figura 1. Diagrama de fluxo para coleta e análise de dados da pesquisa.

Os vinte e oito vídeos elegíveis apresentaram as seguintes métricas: 19.088 “likes”, 429 “dislikes”, 797.041 visualizações, 900 comentários e 251 minutos de duração total. Entre os vídeos analisados, 64,3% foram categorizados como pouco útil e 35,7% como útil. Os dados estatísticos sobre duração, número de “likes”, “dislikes”, comentários e visualizações foram respectivamente apresentados como média  $\pm$  desvio padrão da média para cada categoria de utilidade dos vídeos (Tabela 2).

Os resultados deste estudo evidenciam que não houve diferenças estatísticas significativas no número de visualizações, “likes”, “dislikes”, comentários e duração dos vídeos entre os níveis de utilidade pouco útil e útil ( $p < 0,05$ ). Presume-se que não houve associação entre os níveis de utilidade e os vídeos mais assistidos.

**Tabela 2. Estatística descritiva dos níveis de utilidade dos vídeos**

	Nível de utilidade		Valor <i>p</i>
	Pouco útil	Útil	
Número de vídeos (%)	18 (64,3%)	10 (35,7%)	
Duração dos vídeos (médias ± DP)	7,72 ± 7,21	9,80 ± 6,71	1,566
Visualizações (médias ± DP)	21.295,28 ± 40.483,87	41.372,60 ± 41.296,07	3,320
"Likes" (médias ± DP)	388,50 ± 963,07	1.209,50 ± 1.432,48	2,818
"Dislikes" (médias ± DP)	11,83 ± 15,45	21,60 ± 20,40	1,621
Comentários (médias ± DP)	18,28 ± 31,15	57,10 ± 75,67	2,410

%; percentual; duração dos vídeos em minutos;  $p < 0,05$

A Tabela 3 apresenta a distribuição da frequência das variáveis categóricas. Os usuários leigos constituíram a origem com maior percentual de carregamento dos vídeos na plataforma YouTube do Brasil ( $n=12$ ; 42,9%), além de ser a origem responsável pelo carregamento de 50% ( $n=9$ ) dos vídeos classificados como pouco útil. Em contrapartida, os vídeos com a categoria útil foram, em sua maioria ( $n=4$ ; 40%), enviados por profissionais da saúde.

Em relação à origem de apresentação dos conteúdos nos vídeos brasileiros sobre DMG analisados, os profissionais de saúde foram responsáveis pela apresentação do maior número de vídeos ( $n=12$ ; 43%) entre as quatro categorias. Esse resultado evidenciou que os profissionais da área de saúde estão explorando essa mídia social como estratégia de informar e educar o público internauta sobre temas relacionados ao DMG. Além disso, esta categoria apresentou a maioria dos vídeos ( $n=7$ ; 70%) com classificação útil. Por outro lado, os vídeos da categoria pouco útil foram apresentados, em sua maioria, por pacientes ( $n=6$ ; 33,4%) relatando suas experiências pessoais com o DMG.

O conteúdo predominante nos vídeos desta pesquisa foi relacionado à gestão ou manejo do DMG ( $n=10$ ; 35,5%) e a principal intenção dos vídeos foi a disseminação de conteúdo informativo sobre o tema em questão. Entretanto, cabe ressaltar, que os vídeos da categoria pouco útil, também tiveram a intenção de compartilhar experiências pessoais através de depoimentos ( $n=5$ , 17,8%).



**Tabela 3. Associação entre as variáveis categóricas e a qualidade do vídeo.**

Variáveis	Níveis de utilidade		
	Total	Pouco útil	Útil
<b>Número de vídeos</b>	28 (100%)	18 (64,3%)	10 (35,7%)
<b>Origem de carregamento</b>	Profissionais de saúde	5 (17,9%)	4 (40,0%)
	Acadêmico universitário	3 (10,7%)	-
	Universidade/ Hospital	1 (3,6%)	-
	Canal de TV	2 (7,0%)	2 (20,0%)
	Site de assistência médica	5 (17,9%)	1 (10,0%)
	Usuários leigos	12 (42,9%)	3 (30,0%)
<b>Origem de apresentação</b>	Profissionais de saúde	12 (42,9%)	7 (70,0%)
	Acadêmico universitário	4 (14,2%)	-
	Paciente	7 (25,0%)	1 (10,0%)
	Usuários Leigos	5 (17,9%)	2 (20,0%)
<b>Área de domínio</b>	Etiologia / Fatores de risco	9 (32,2%)	3 (30,0%)
	Deteção precoce	8 (28,7%)	3 (30,0%)
	Gestão / Manejo	10 (35,5%)	4 (40,0%)
	Prognóstico / Resultado	1 (3,6%)	-
<b>Intenção</b>	Informativo	20 (71,4%)	10 (35,7%)
	Depoimento	5 (17,8%)	-
	Entretenimento	1 (3,6%)	-
	Anúncio	1 (3,6%)	-
	Indefinido	1 (3,6%)	-

%. porcentagem

## 4 | DISCUSSÃO

Excesso de informação, desinformação e dificuldades para encontrar dados baseados em evidências científicas são os principais problemas com a busca em sites comuns na Internet. Nessa perspectiva, a rede de compartilhamento de vídeos do YouTube fornece uma gama de conteúdo gerado pelos próprios usuários, permitindo que as pessoas se comuniquem facilmente *on-line* e sem nenhum custo (PONS-FUSTER et al., 2020). Até o momento, o presente estudo foi o pioneiro na identificação da fonte dos vídeos relacionados ao DMG e na classificação da qualidade dos conteúdos compartilhados no YouTube do Brasil.

A presente pesquisa evidenciou o grande alcance do YouTube no compartilhamento de vídeos brasileiros sobre DMG. Um achado relevante foi identificar que a principal fonte destes vídeos é o profissional da área de saúde. Isso indica que tais profissionais estão explorando uma excelente ferramenta pública de comunicação como estratégia complementar de ações de informação e educação em saúde no campo do DMG no país.

O YouTube é considerado um recurso importante para os pacientes (BOPP et al.,



2019; SMITH et al., 2019). Estudos avaliaram os vídeos do YouTube em relação à fonte de informação sobre várias doenças ou condições, incluindo outros tipos de DM, quando comparado ao DMG (ABEDIN et al., 2015; BASCH et al., 2016; FERNANDEZ-LLATAS et al., 2017; GIMENEZ-PEREZ et al., 2020; NOMINATO et al., 2018; TOLEDO et al., 2018; DA SILVA et al., 2020).

Pessoas que possuem DM e participam de interações *on-line* com profissionais de saúde e com outras pessoas que possuem esta condição podem ser beneficiadas. Tais relações nas mídias sociais como o YouTube proporcionam aos pacientes inúmeros benefícios, entre eles: apoio mútuo, autoafirmação, troca de experiências pessoais sobre viver com DM, além de mobilizar o exercício do *advocacy* em saúde (HILLIARD et al., 2015).

Com base na qualidade dos vídeos mensurada por meio da utilização de critérios de utilidade dos conteúdos, esse estudo teve a finalidade de analisar e compreender se os vídeos nacionais são adequados para orientar o público interessado no DMG, especialmente as mulheres com diagnóstico desta condição. Além disso, os critérios de utilidade dos vídeos permitiu avaliar e descobrir que muitos vídeos não seguem as diretrizes nacionais (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2019) e internacionais (INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION, 2019; AMERICAN DIABETES ASSOCIATION, 2020) para o manejo do DMG. Diante disso, os vídeos analisados no presente estudo não podem ser considerados como boa fonte de informação sobre o DMG.

Neste cenário, apesar de não ter sido encontrada nenhuma diferença estatisticamente significativa entre a acessibilidade dos vídeos e seus níveis de utilidade do conteúdo, o presente estudo mostra que a maioria dos vídeos (n=18; 64,3%) disponíveis sobre DMG foram classificados como pouco útil. O que, por sua vez, pode representar risco de veiculação de informações imprecisas ou enganosas sobre o diabetes. Esses vídeos, na sua maioria, foram carregados na plataforma YouTube por usuários leigos (n=9; 50%) e apresentados por pacientes (n=6; 33,4%), compartilhando informações e testemunhos pessoais, principalmente sobre gestão ou manejo do DMG (n=6, 33,3%). Apesar das métricas de audiência dos vídeos analisados não apresentarem diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) quando associadas aos níveis de utilidade do conteúdo, observe que os vídeos da classe útil produzidos por profissionais de saúde apresentam todas as métricas com valores superiores àquelas dos vídeos de conteúdo pouco útil.

Outro aspecto relevante é a carência de regulamentação prévia sobre o tipo de conteúdo disponível no YouTube (GUPTA *et al.*, 2016), o que fortalece a necessidade de realização de estudos como a presente pesquisa. As limitações e deficiências nas informações são apresentadas em muitos vídeos no YouTube, e outro fato que tornou relevante este estudo foi a inexistência de publicações científicas de pesquisas que tenham avaliado o DMG nesta mídia social. Assim, os resultados encontrados neste estudo auxiliarão na realização de novas pesquisas no âmbito da informação sobre DMG nas

mídias sociais.

Nosso estudo evidenciou que um campo admirável para atuação nas mídias sócias está sendo subutilizado pelos profissionais de saúde. Apenas 17,9% do total de carregamentos de vídeos no YouTube foram realizados por profissionais de saúde e apenas 3,6% por Universidades e Hospitais. Em contrapartida, apesar de carregar poucos vídeos, os profissionais de saúde estão, de forma incipiente, explorando essa mídia social como estratégia de informar e educar o público sobre o DMG (n=12; 43%). E ainda, representam os usuários do YouTube que mais carregam (n=4; 40%) e apresentam (n=7, 70%) os vídeos classificados como úteis, ou seja, os vídeos com conteúdo atualizado e adequado ao público. Vale investir na produção de novos vídeos sobre o tema em questão para compartilhar conteúdos de boa qualidade e combater a desinformação sobre o tema, o que é frequente no YouTube.

Além do exposto, a hipótese de que a produção de vídeos de educação em diabetes possa levar informações seguras aos pacientes usuários do YouTube traz novas perspectivas acerca da utilização deste tipo de estratégia complementar na informação e na educação em DM no Brasil.

## **5 | CONCLUSÃO**

Este evidenciou o grande alcance do YouTube no compartilhamento de vídeos brasileiros sobre DMG. Além disso, a principal origem dos vídeos úteis foi a categoria composta por profissionais da área de saúde. No entanto, a maioria dos vídeos do estudo tem conteúdo pouco útil e origem de leigos.

Diante disso, os vídeos analisados neste estudo não podem ser considerados como boa fonte de informação sobre o DMG. Destaca-se que os profissionais de saúde no Brasil têm o YouTube como uma excelente ferramenta pública a ser explorada para oferecer informação útil sobre o DMG e combater a desinformação propagada nesta mídia social.

## **AGRADECIMENTOS**

A autora LAS foi bolsista na UFVJM pelo Edital CICT 001/2019 PIBIC/CNPq.

## **DECLARAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DO AUTOR**

Os autores não têm conflito de interesses a divulgar para este capítulo de livro.

## **CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES**

Concepção do estudo: LAS, JPS e ES. Análise estatística: JPS e CLR. Interpretação de dados: LAS, JPS, ES e CLR. Escrita do manuscrito: LAS, JPS, ES e CLR. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

## REFERÊNCIAS

ABEDIN, Tasnima et al. YouTube as a source of useful information on diabetes foot care. **Diabetes Research and Clinical Practice**, v. 110, n. 1, p. e1-e4, 2015.

ALGHAMDI, Khalid M.; MOUSSA, Noura A. Internet use by the public to search for health-related information. **International Journal of Medical Informatics**, v. 81, n. 6, p. 363-373, 2012.

AMERICAN DIABETES ASSOCIATION. 14. Management of Diabetes in Pregnancy: Standards of Medical Care in Diabetes—2020. **Diabetes Care**, v. 43, n. Supplement 1, p. S183-S192, 2020.

BASCH, Corey Hannah et al. Widely viewed English language YouTube videos relating to diabetic retinopathy: a cross-sectional study. **JMIR Diabetes**, v. 1, n. 2, p. e6, 2016.

BOPP, Trevor et al. Moving beyond the gym: A content analysis of YouTube as an information resource for physical literacy. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 18, p. 3335, 2019.

CLAUSEN, Tine D. et al. High prevalence of type 2 diabetes and pre-diabetes in adult offspring of women with gestational diabetes mellitus or type 1 diabetes: the role of intrauterine hyperglycemia. **Diabetes Care**, v. 31, n. 2, p. 340-346, 2008.

DALY, Barbara et al. Increased risk of ischemic heart disease, hypertension, and type 2 diabetes in women with previous gestational diabetes mellitus, a target group in general practice for preventive interventions: A population-based cohort study. **PLoS Medicine**, v. 15, n. 1, p. e1002488, 2018.

DA SILVA, Edson et al. Diabetes Diamantina Community: a tool to promote communication and education in diabetes. In: **Diabetology and Metabolic Syndrome**. BioMed Central, 2015. p. A175.

DA SILVA, E.; CAMPOS, L. F. The Potential role of social media and interactive technologies in diabetes education. **The Journal Of Diabetes Research and Therapy**, V. 2, N. 2, 2016.

DA SILVA, Edson et al. Using podcasts on a social audio platform for diabetes education. 2018. . In VENCIO, Sérgio et al. 21st Brazilian Diabetes Society Congress. **Diabetology and Metabolic Syndrome**, v. 10, p. 177-179, 2018.

DA SILVA, Edson et al. Are YouTube Portuguese videos useful as a source of information on diabetes foot care?/Os vídeos em português do YouTube são úteis como fonte de informações sobre cuidados com o pé diabético?. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 1305-1312, 2020.

DE BOER, Maaik J.; VERSTEEGEN, Gerbrig J.; VAN WIJHE, Marten. Patients' use of the Internet for pain-related medical information. **Patient Education and Counseling**, v. 68, n. 1, p. 86-97, 2007.

DIAZ, Joseph A. et al. Patients' use of the Internet for medical information. **Journal of General Internal Medicine**, v. 17, n. 3, p. 180-185, 2002.

E HILLIARD, Marisa et al. The emerging diabetes online community. **Current Diabetes Reviews**, v. 11, n. 4, p. 261-272, 2015.

FERRARA, Assiamira. Increasing prevalence of gestational diabetes mellitus: a public health perspective. **Diabetes Care**, v. 30, n. Supplement 2, p. S141-S146, 2007.

FERNANDEZ-LLATAS, Carlos et al. Are health videos from hospitals, health organizations, and active users available to health consumers? An analysis of diabetes health video ranking in YouTube. **Computational and Mathematical Methods in Medicine**, v. 2017, 2017.

GANDRA, Fernanda Paola de Pádua et al. The effect of an education program on the knowledge level and attitudes about Diabetes Mellitus. **Brazilian Journal in Health Promotion**, v. 24, n. 4, p. 322-331, 2011.

GARG, Neetika et al. YouTube as a source of information on dialysis: a content analysis. **Nephrology**, v. 20, n. 5, p. 315-320, 2015.

GIMENEZ-PEREZ, Gabriel et al. Are YouTube videos useful for patient self-education in type 2 diabetes?. **Health Informatics Journal**, v. 26, n. 1, p. 45-55, 2020.

GOOGLE. **Press**, 2020. Acesso em: 09/07/2020.

GRIFFITHS, Frances et al. Social networks—The future for health care delivery. **Social Science and Medicine**, v. 75, n. 12, p. 2233-2241, 2012.

GUPTA, Harsh V. et al. Analysis of YouTube as a source of information for peripheral neuropathy. **Muscle and Nerve**, v. 53, n. 1, p. 27-31, 2016.

HASSONA, Y. et al. YouTube as a source of information on mouth (oral) cancer. **Oral Diseases**, v. 22, n. 3, p. 202-208, 2016.

HUGHES, Benjamin et al. Junior physician's use of Web 2.0 for information seeking and medical education: a qualitative study. **International Journal of Medical Informatics**, v. 78, n. 10, p. 645-655, 2009.

INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION. **IDF Diabetes Atlas**, 9th edition. Brussels, Belgium: International Diabetes Federation, 2019.

KOIVUSALO, Salla B. et al. Gestational diabetes mellitus can be prevented by lifestyle intervention: the Finnish Gestational Diabetes Prevention Study (RADIEL): a randomized controlled trial. **Diabetes Care**, v. 39, n. 1, p. 24-30, 2016.

KUROVSKI, Caroline. Plataforma Youtube, produções independentes e educação: possibilidades para um saber alternativo. 2015.

MALTA, M. et al. Iniciativa STROBE: subsídios para a comunicação de estudos observacionais. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, p. 559-565, 2010.

MCINTYRE, H. David et al. Gestational diabetes mellitus. **Nature Reviews Disease Primers**, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2019.

NASIRI-AMIRI, Fatemeh et al. The effect of exercise on the prevention of gestational diabetes in obese and overweight pregnant women: a systematic review and meta-analysis. **Diabetology and Metabolic Syndrome**, v. 11, n. 1, p. 72, 2019.

NETA, Francisca Adriele Vieira et al. Review of profile and prenatal care for women with gestational diabetes mellitus. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 15, n. 5, p. 823-831, 2014.

NOMINATO, G. et al. Analysis of Brazilian videos about diabetic neuropathy shared on YouTube. 2018. . In VENCIO, Sérgio et al. 21st Brazilian Diabetes Society Congress. **Diabetology and Metabolic Syndrome**, v. 10, p. 177-179, 2018.

PLOWS, Jasmine F. et al. The pathophysiology of gestational diabetes mellitus. **International Journal of Molecular Sciences**, v. 19, n. 11, p. 3342, 2018.

PONS-FUSTER, Eduardo et al. YouTube information about diabetes and oral healthcare. **Odontology**, v. 108, n. 1, p. 84-90, 2020.

POWELL, John et al. The characteristics and motivations of online health information seekers: cross-sectional survey and qualitative interview study. **Journal of Medical Internet Research**, v. 13, n. 1, p. e20, 2011.

SANTOS, Pâmela Antoniazzi dos et al. Gestational Diabetes in the Population Served by Brazilian Public Health Care. Prevalence and Risk Factors. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 42, n. 1, p. 12-18, 2020.

SHEPHERD, Emily et al. Combined diet and exercise interventions for preventing gestational diabetes mellitus. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 11, 2017.

SINGH, Abha G.; SINGH, Siddharth; SINGH, Preet Paul. YouTube for information on rheumatoid arthritis—a wakeup call?. **The Journal of rheumatology**, v. 39, n. 5, p. 899-903, 2012.

SMITH, Peter E. et al. Analysis of YouTube as a source of information for diabetic foot care. **Journal of the American Podiatric Medical Association**, v. 109, n. 2, p. 122-126, 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES. **Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes 2019-2020**. 489p. São Paulo: Clannad, 2019.

SYED-ABDUL, Shabbir et al. Misleading health-related information promoted through video-based social media: anorexia on YouTube. **Journal of Medical Internet Research**, v. 15, n. 2, p. e30, 2013.

TOLEDO, Marileila. et al. Techniques for preparation and application of insulin: an analysis of YouTube videos. 2018. In VENCIO, Sérgio et al. 21st Brazilian Diabetes Society Congress. **Diabetology and Metabolic Syndrome**, v. 10, p. 177-179, 2018.

VANCE, Karl; HOWE, William; DELLAVALLE, Robert P. Social internet sites as a source of public health information. **Dermatologic Clinics**, v. 27, n. 2, p. 133-136, 2009.

ZITO, G. et al. Gestational diabetes mellitus: Prevention, diagnosis and treatment. A fresh look to a busy corner. **Journal of Neonatal-Perinatal Medicine**, n. Preprint, p. 1-13, 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 11, 5, 19, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 40, 41, 51, 60, 84

Assistência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 17, 20, 21, 29, 30, 31, 40, 41, 44, 47, 48, 55, 56, 60, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 107, 108, 112, 114, 115, 116, 117, 127

Atenção Primária à Saúde 10, 38, 39, 40, 48, 106

### C

Cancer 33, 70, 102, 113, 117, 118, 126, 133, 134, 135

Câncer de mama 112, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 124

### D

Diabetes gestacional 59

### E

Educação em saúde 37, 60, 61, 66, 97, 98, 99, 100, 112, 116

Emoções 5, 82, 83, 87, 90, 98

Endometriose 118, 119, 120, 124

Enfermagem 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 18, 30, 42, 48, 49, 57, 71, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 115, 137, 138

### F

Farmacoterapia 33

### G

Gênero 6, 9, 18, 31, 34, 39, 40, 43, 46, 47, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 122

Genotipagem 125, 129, 132

Gestação 14, 16, 20, 28, 29, 37, 40, 44, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 137

Gestação de alto risco 80, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Gestante 15, 16, 34, 41, 54, 56, 73, 79, 80, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

### H

Hipertensão Gestacional 72, 73, 81

Hospitalização 85, 86, 93, 94, 95, 96, 99

HPV 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

Humanização 10, 12, 13, 14, 16, 92, 95

## **I**

Infecção 15, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 41, 51, 60, 97, 113, 125, 126, 127, 129, 132, 133

## **M**

Mães 43, 44, 46, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 98, 99

Mastectomia 112, 116

Mulher 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 30, 33, 47, 95, 99, 102, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 125, 136, 137

## **N**

Neonatos 82, 87

Neoplasia Mamária 118, 120

## **O**

Obstetrícia 17, 57, 71, 72, 81

## **P**

Pesquisa 4, 5, 6, 9, 10, 12, 15, 17, 19, 21, 23, 24, 25, 29, 34, 35, 36, 43, 48, 49, 51, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 82, 86, 87, 91, 94, 96, 98, 100, 110, 112, 114, 120, 125, 128, 131, 139

Pré-natal 13, 14, 15, 16, 29, 37, 39, 40, 44, 46, 48, 50, 51, 53, 56, 60, 80, 81, 82, 90, 97, 98, 99, 100

Prevenção 5, 19, 20, 21, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 50, 52, 54, 55, 56, 60, 80, 85, 92, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 123, 136

Problemas socioeconômicos 33

Promoção da saúde da mulher 136

## **S**

Saúde Coletiva 37, 48, 49, 111, 139

Saúde da Mulher 10, 14, 17, 30, 47, 110, 111, 125, 136, 137

Saúde materno-infantil 39

Saúde pública 3, 17, 30, 31, 33, 34, 36, 38, 40, 49, 56, 106, 107, 108, 126

Sexualidade 10, 11, 12, 13, 17, 137

Sífilis 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Sífilis Congênita 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 57

Sífilis gestacional 37, 38, 43, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57

## **U**

Uncaria Tomentosa 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124

## **V**

Vigilância em Saúde 37, 47, 57

Violência contra a Mulher 7, 8, 10, 14

Violência Sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9



# Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

